

XVI JORNADA REGIONAL DE PSICOLOGIA JUNGUIANA

IJRS/ 2013

Susane Maria Curra- CRP 07/1652

5ª turma de Formação Analítica

A voz do coração e os ouvidos da alma.

A escolha do tema deste artigo posso dizer, que foi feita por um coração que quer se fazer ouvir. Que quer comunicar seus pensamentos, seus afetos, seus anseios e necessidades. Que quer fazer uma troca rítmica e harmônica com o mundo externo e interno, dando e recebendo, expandindo e contraindo, sístole e diástole, e neste movimento estando em constante intercambio com o todo.

Ouvir o coração com os ouvidos da alma soa poético. Mas como separar coração de poesia? Se a poesia vem sendo ao longo dos séculos uma forma dos corações fazerem-se ouvir. Pablo Neruda nos diz:

Para mi corazón basta tu pecho,
para tu libertad bastan mis alas.
Desde mi boca llegará hasta el cielo
Lo que estaba dormido sobre tu alma.

E para que separar, se o próprio coração, que é composto por duas partes separadas faz do corpo um longo caminho para chegar ao seu outro lado e assim manter sua unidade. Lembro-me dos milhares de peregrinos que percorrem o caminho de Compostela, atravessam um longo percurso para encontrar o que estava sempre junto deles, mas que só é reconhecido após a longa caminhada. Proponho que reflitamos sobre o coração enquanto centro afetivo da vida, vaso alquímico, Santo Graal, ritmo, movimento. Está associada ao espírito, a sede da inteligência e sabedoria.

Associarmos afeto a coração, diria, é algo que faz parte de nossa consciência arquetípica. O Coração é o órgão central do indivíduo, portanto corresponde à noção de centro, ao início e ao fim. É o primeiro órgão que se forma no embrião e o último que morre. Entendo que a expressão “de todo o seu coração”, equivale a: “até o último suspiro.”

Para nossa cultura ocidental, o coração é a sede dos sentimentos, embora se buscamos saber como as civilizações tradicionais o entendiam, veremos que está mais associado à inteligência e à intuição. Podemos pensar que o centro da personalidade, ao longo do tempo, tenha se deslocado da intelectualidade para a afetividade. “Grandes pensamentos vêm do coração”, dizia Pascal. De fato, é o coração o centro vital do ser humano, uma vez que é responsável pela circulação do sangue, e tomado como símbolo das funções intelectuais.

Em diferentes culturas, que podemos constatar através da larga pesquisa de Chevalier/Gheerbrant, o coração tem significado de centro. Seu duplo movimento, sístole-diástole, faz dele o símbolo de expansão e reabsorção do universo. Por estar ele no centro, os chineses fazem corresponder ao coração, o elemento terra e o número cinco. Mas em razão da sua natureza, uma vez que é associado ao sol, atribuem-lhe também o elemento fogo. Creio que possamos pensar o coração associado enquanto quinto elemento ao afeto, elemento que faz a vida pulsar, que traz movimento, pois emociona.

O coração é um símbolo fundamental na cultura e religião egípcia. Na escrita hieroglífica é representado por um vaso. Está presente nas orações, nos mitos de criação e nos rituais funerários como centro da vida, lugar da inteligência, da vontade e da consciência moral. Segundo a cosmogonia menfita o deus Ptá, teria pensado o universo com seu coração antes de materializá-lo pela força do verbo criador. (POSD, 61). Por ocasião da psicostasia, é o coração do defunto a única víscera que é deixada no seu lugar na múmia - que é posto em um dos pratos da balança, e o escaravelho do coração, amuleto essencial, traz gravada a fórmula mágica que impede o coração de testemunhar contra o morto no tribunal de Osíris. O maior desejo de cada um é o que formula Paheri d'EL-Kab: Possas tu atravessar a eternidade com doçura no coração, e no favor do deus que em ti habita. (DAFE, 331) É o próprio símbolo da presença divina e da consciência desta presença.

Para os egípcios, a ideia de individuação referia-se a idéias de ascensão espiritual: quanto mais leve o coração, maior a consciência e o conhecimento. Mais perto estaria o ego de sua completude. O coração pesado é destruído (enfarto) o medo de ter o coração destruído expressa o medo das forças inconscientes, que destroem o ego quando este se afasta de seu centro. Mas quando está tão leve como uma pena, passa a ser coração de Rá, pois no coração do homem reside o deus que nele vive. (38)

Na antiguidade clássica o renascimento de Zagreus, quando Zeus engoliu seu coração e o fez renascer como Dionísio, é o único mito que coloca o coração como princípio de vida e de personalidade na cultura grega.

É relacionado também com o Santo Graal da última ceia que recolheu o sangue de Cristo na cruz. Na tradição bíblica, o coração simboliza o homem interior, sua vida afetiva, a sede da inteligência e sabedoria. O coração está para o homem interior assim como o corpo está para o homem exterior. Também é no coração que está o princípio do mal. É no coração que está a vida, o afeto, e segundo Hillman, o pensamento. O pensamento do coração.

Na tradição hebraica, prestar atenção quer dizer “sim lev”, isto é, empenhar o coração; meditar é falar ao coração.

Ainda segundo Midrash, o coração de pedra do homem deve tornar-se um coração de carne (coração de pedra quebra). Os sábios de coração têm o espírito de sabedoria (BAHR. Na Bíblia, a palavra coração é empregada uma dezena de vezes para designar o órgão corporal, mas mais de mil vezes como metáfora. A memória e a imaginação dependem do coração, bem como a vigilância exemplificada pela frase: “Durmo, mas meu coração vela”. O coração tem papel central na vida espiritual. Ele pensa, decide, faz projetos, afirma suas responsabilidades. Conquistar o coração de alguém é fazer com que perca o controle de si mesmo. (Cântico dos Cânticos, 4, 9-10). O coração está associado ao espírito, - donde as expressões: “Espírito novo e coração novo” (Ezequiel, 36, 26); “Coração contrito e espírito contrito” (Salmos 51, 19). O coração é sempre mais ligado ao espírito do que a alma.

Nas tradições modernas, o coração tornou-se um símbolo do amor profano, da caridade enquanto amor divino, da amizade e da retidão (TERS, 102-103). É cantado pelos compositores, declamado pelos poetas, usado como metáfora para expressar a sensibilidade, a interioridade desde a expressão mais singela até a erudição. Abaixo letra de música de Milton Nascimento, coração de estudante:

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado

Bem mais perto que pensamos

A folha da juventude

É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos

Desviaram seu destino

Seu sorriso de menino

Quantas vezes se escondeu

Mas renova-se a esperança

Nova aurora, cada dia

E há que se cuidar do broto

Pra que a vida nos dê

Flor o e fruto

Coração de estudante

Há que se cuidar da vida

Há que se cuidar do mundo

Tomar conta da amizade

Alegria e muito sonho

Espalhados no caminho

Verdes, planta e sentimento

Folhas, coração,

Juventude e fé.

Neste ano comemoram-se os 100 anos do nascimento de Vinícius de Moraes, poeta e compositor de centenas de obras de literatura, teatro, cinema e música, e que podemos dizer muito nos falou do coração, amores, paixões, encontros e desencontros.

Como dizia o poeta, em uma canção:

Quem já passou por essa vida e não viveu

Pode ser mais, mas sabe menos do que eu

Porque a vida só se dá pra quem se deu

Pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu

Ah, quem nunca curtiu uma paixão nunca vai ter nada, não

Não há mal pior do que a descrença
Mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão
Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair
Pra que somar se a gente pode dividir
Eu francamente já não quero nem saber
De quem não vai porque tem medo de sofrer
Ai de quem não rasga o coração, esse não vai ter perdão
Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter nada, não."

Já Pablo Neruda nos diz:

"Innumerable corazón del viento, latiendo sobre nuestro silencio enamorado."

O pensamento grego e romano revela preocupação com os assuntos referentes aos sentimentos, seja na condução da vida e da cidade em questões de relacionamento humano, ou na estética. Seu panteão oferecia um fundamento arquetípico e muitas formas de expressão dos sentimentos. As religiões antigas, as mitologias nos traziam formas de refletir e integrar os sentimentos. Mais tarde, já no século XVIII, romancistas e poetas ocuparam-se com os sentimentos, descrevendo-os, e sendo caminhos para que o sujeito pudesse se deparar com os mesmos.

Jung, quando fala dos tipos psicológicos e funções, traz a função sentimento como uma função de ligação, a função do coração. Coloca que as funções fazem parte do desenvolvimento da personalidade consciente, pertencendo ao ego. Compõe, portanto a intencionalidade da consciência, revelando como esta opera com respeito a si mesma e às outras pessoas, como expõe suas intenções e sentidos e exprime seu caráter. As funções são maneiras de organizar e sofrer a vida. É a função sentimento que liga o sujeito com o mundo externo e interno. É a partir desta função que o mundo ou a vida passam a ter sentido.

O sentimento é um atributo individual da consciencia, limitado por uma situação espaço temporal. É um processo psicológico que avalia. Estabelece relações entre o sujeito e o objeto, o sujeito e os conteúdos da psique e entre o sujeito e sua própria subjetividade (carga emocional ou estado de espírito) . A função sentimento desenvolvida é uma função do coração, que a razão da mente não compreende muito bem. Fornece a ordem e a lógica do amor.

O sentimento registra a qualidade e o valor específico das coisas; e é função do sentimento fazer esta exploração e amplificação de nuances e tons, que são o

oposto da redução. Inicialmente podemos discriminar dois aspectos do conceito de sentimento, o primeiro refere-se a uma função que gosta, faz relações, emite julgamentos; no segundo temos os sentimentos como conteúdos, esperanças, anseios, raivas.

Hillman coloca em seu livro, “O pensamento do coração e a alma do mundo” que hoje, é a psicoterapia que se ocupa teoricamente dos sentimentos. Para compreendermos os sentimentos sugere que partamos do humanismo dos filósofos, dos romancistas, dramaturgos, teólogos e místicos.

A fala não é da língua, mas do coração.

A língua é meramente o instrumento com que se fala.

Aquele que é mudo, [é mudo no coração, não na língua [...]].

Da maneira como falas, assim é teu coração.

Paracelso.

O pensamento do coração é o pensamento das imagens. O coração é a sede da imaginação, e esta é a voz autêntica do coração, de forma que se falamos do coração, devemos falar imaginativamente. (James Hillman, 1979). Estas idéias estão presentes no trabalho de Henry Corbin, em que Hillman apóia seu olhar sobre o coração.

Os sentimentos como designação das emoções, surge no inglês em 1771. Todos entendiam por sentimentos os estados da alma, e eram tão valorizados quanto hoje. Foi nesta época que a consciência começou a refletir sobre o sentimento como tal.

Segundo Hillman, na psicologia Junguiana, a compreensão consciente também significa compreensão sentimental. Todos os símbolos são também experiências dos sentimentos.

O coração pensa, sente, é a sede da imaginação, ama, odeia, se apaixona, sofre, chora, se quebra, olha..., e também adoece.

Estatísticas colocam que as doenças cardiovasculares são responsáveis por uma grande incidência de mortes em todo mundo. No Brasil, atualmente 308 mil mortes acontecem ao ano(2011), o que corresponde a 29,4% das mortes, sendo que 60% são homens. Estudos também apontam que pessoas solitárias tem mais probabilidade de desenvolverem tais patologias. Excessos alimentares também estão entre as causas, assim como a ansiedade profunda e crônica. Também fala-se de uma persona rígida e defensiva que tem que ser mantida a todo custo.

A doença é pois não uma disfunção orgânica mas do homem como um todo. E para falarmos das doenças cardíacas, temos que estabelecer relações entre o coração dos poetas, da arte com o coração físico que adoece.

Para pensarmos a doença como representação simbólica, temos que nos reportar a culturas em que qualquer distúrbio orgânico ou mental era visto como consequência de uma relação imprópria com o divino. Doença seria o rompimento do equilíbrio entre corpo e espírito. E sua cura era encontrada quando o paciente conseguia significar simbolicamente seu sofrimento, encontrando um sentido e reequilibrando-se novamente. O objetivo não era combater a doença, mas reestabelecer a relação perdida com o divino, com a totalidade através do ritual e dos símbolos. Tal idéia de uso do símbolo como elemento organizador e centralizador da psique foi retomada na era atual por C.G.Jung.

Curar seria entender corretamente o que a totalidade está tentando expressar, através dos sintomas e atendê-la.

Com Jung, a psicologia desenvolve o conceito de símbolo, e entende que a doença passa a ser vista como representação simbólica no processo de desenvolvimento e de individuação. Entende o símbolo como um terceiro fator entre a relação psique-corpo. É o corpo simbólico que pode ser vivido passiva ou ativamente. Na primeira forma temos a formação de sintomas e o surgimento das fantasias, no segundo temos o estabelecimento de uma relação com o símbolo emergente, integrando-o na consciência. Jung coloca que “instinto demais desloca o homem da cultura; cultura demais produz homens doentes”. Quando se consegue deixar que o instinto se expresse através de rituais sem repressão, o arquétipo central se expressa, religando o homem ao seu centro, ou dito de outra forma quando estamos inteiros de coração estamos saudáveis.

O exame que Hillman emprende da imagem do coração pode libertá-lo do órgão que nos ataca para o órgão que reflete e deseja o mundo, uma inteligência imaginativa que reside no coração. (Gustavo Barcelos.)

Em “O pensamento do coração e a alma do mundo”, James Hillman, inicia dizendo que falará a partir do legado de Henry Corbin de que o pensamento do coração é o pensamento das imagens, que o coração é a sede da imaginação, que a imaginação é a voz autêntica do coração, devemos pois falar imaginativamente. Quer trabalhar o coração no seu exílio, em uma imaginação que Corbin chama de cativa, e na qual o pensamento do coração foi adulterado em nossas doenças

cardíacas contemporâneas, a sentimentalidade do personalismo, a brutalidade da eficiência, o engrandecimento do poder e as simples efusões religiosas.

Compreender que a alma do mundo está doente, e, assim, engendrar aquela atitude que anima o mundo novamente ao colocar na linha de mira o coração como órgão da percepção e pensamento. (G. Barcelos). Hilman vê o coração como órgão que reflete e deseja o mundo- uma inteligência imaginativa.

Diz que o poder retórico e imaginativo do coração pode ser chamado de himma ou enthymesis, que significa o ato de meditar, conceber, imaginar, projetar, desejar ardentemente. Himma é o modo pelo qual as imagens que acreditamos criar, nos são apresentadas como figuras autênticas. Sem o dom de himma, caímos nas ilusões psicológicas modernas. Confundimos imaginal com subjetivo e interno, e essencial como externo e objetivo. Numa cultura onde o imaginal é desqualificado acabou adoecendo um órgão, coração, pois sua essência é nos falar do que é imaginal. O coração tem inteligência imaginativa, pois é imaginativamente pensante.

É através do imaginar que podemos conhecer e amar simultaneamente. Pensarmos sobre o coração, nos exige termos uma filosofia do coração. Hillman coloca 3 modos de imaginar como expressões do coração em nossa cultura. Fala do coração enquanto coragem para viver, humanidade, força, que chama de “Coeur de lion”; seu pensamento expressa-se como vontade, amor, vitalidade, temperamento, não se reconhece como pensamento pois não é o raciocínio reflexivo.

Coração como órgão do corpo, bombeador, que chama de “Coração de Harvey”; pode ser pegado nas mãos, é mecânico, é explicado pela ciência e a explicação científica é himma literalizado. O coração deixa de ser visto com a imagem do animal e passa a ser máquina, que é dividida em si mesmo.

Por último, temos o “Coração de Agostinho”, que é o do amor, dos sentimentos, o locus da alma. É neste que habita o pecado, a vergonha, o desejo e o divino. No coração personalista não tem lugar para a imagem, pois em seu lugar está o dogma, imagens já reveladas. A imaginação permanece cativa.

Em contra partida, Freud diz que o que acontece no coração não é nem verdade nem história, mas desejo e imaginação. Quando nos apaixonamos começamos a imaginar e quando começamos a imaginar nos apaixonamos.

Corbin afirma que ação característica do pensamento não é o sentimento mas a visão. O amor pertence ao espírito agitando a alma em suas imagens no coração.

É o lugar da verdadeira imaginação. Os sentimentos se agitam na medida em que as imagens se movem.

O mundo é um lugar de imagens vivas e seu coração é o órgão que nos diz isso.

Penso que a doença não é um castigo ao desequilíbrio mas que ocorre sincronicamente a este, e funciona como mecanismo de compensação dentro de uma abordagem finalista. Sincronicidade é a existência de dois ou mais fenômenos, ocorrendo ao mesmo tempo, sem relação de causa e efeito, mas com relação de significado. O símbolo, terceiro fator transcendente, quando na consciência revela que a psique e a matéria são aspectos diferentes de uma única e mesma coisa. Canta Marisa Monte A alma e a matéria:

Vem pr'esse mundo
Deus quer nascer
Há algo invisível e encantado
Entre eu e você
E a alma aproveita prá ser
A matéria e viver...

Entendemos que o sintoma corporal é um símbolo que ao mesmo tempo que expressa uma dissociação , revela um caminho. A eliminação do sintoma sem a consciência do significado, traz grande probabilidade de que resurja em outro momento, como um novo pedido de atenção. Embora a compreensão final do significado de uma doença-símbolo só possa ser atingida através do diálogo de cada um com seus símbolos, o conhecimento da dimensão do corpo total com certeza pode nos mostrar a quantas andam nossos desvios. As amplificações do corpo nos aproximam cada vez mais da imagem do corpo divino, simbólico.

Como já disse o coração é o primeiro órgão que se forma, e as pulsações cardíacas do embrião são as primeiras funções que o ser humano realiza independente de sua mãe. Gaiarsa diz que o batimento cardíaco é a primeira marca da individualidade que pode ser sentida pelo feto. É um primeiro sinal de autonomia funcional entre o feto e a mãe. Ao mesmo tempo que confere sua individualidade também assinala a universalidade, já seu batimento é comum a toda reino animal.

Sabemos que o estabelecimento da relação de segurança é dada , entre outras, pela relação primal mãe criança, que vai estruturar a consciência dentro do eixo ego-Self. A possibilidade de o ego referir-se sempre a sua origem em situações ameaçadoras diminui sua ansiedade e medo de destruição. Mais uma vez a poesia nos ilustrando:

Coração vagabundo, caetano veloso

Meu coração não se cansa
De ter esperança
De um dia ter tudo o que quer
Meu coração de criança
É só a lembrança
De um vulto feliz de mulher
...
Meu coração vagabundo
Quer guardar o mundo em mim.

A maioria das pesquisas sobre doenças psicossomáticas aponta a raiva, a ansiedade e o medo como fatores psicológicos predominantes na etiologia das disfunções cardíacas.

O conhecimento que flui do coração da grande mãe é o conhecimento através do amor. Eros é seu companheiro na mitologia grega, e Madana seu ajudante entre os indus, despertando o homem para a existência e a criação: despertar que pode ser bastante doloroso, com sensações de pontadas ou de agulhadas no coração.

Na segunda metade da vida, durante o processo de individuação, o coração pode se associar ao arquétipo da grande mãe como lugar de renascimento.

Shakti a grande deusa indu do amor, inspira a música a arte e a poesia, sincronizando o movimento artístico com o movimento cardíaco.

Carinhoso, Pixinguinha e João de Barro
Meu coração
Não sei por que
Bate feliz
Quando te ve
...
Vem matar esta apixaõ
Que me devora o coração
E só assim então serei feliz, bem feliz.

O ritmo dos batimentos cardíacos é involuntário, mas pode ser descompassado pelas emoções. Podemos portanto pensar que as perturbações cardíacas costumam atacar pessoas que não estão preparadas para serem tocadas por uma antiga emoção, que as tira do compasso. A emoção então é somatizada, e o coração começa a apresentar problemas. O batimento cardíaco se acelera e força a pessoa a ouvir seus corações.

Normalmente não temos consciência de nosso batimento cardíaco. No entanto, podemos senti-lo e ouvi-lo em situações de estresse e quando emocionados. É a busca de um equilíbrio entre a razão e o afeto. Podemos imaginar que pessoas muito racionais desenvolvem cardiopatias, pois a emoção-afeto, perde sua força de fazer movimento. É o caso das cardio neuroses, preocupação com as batidas do coração com medo que ele pare de bater. É uma forma literal de compensar a falta de atenção ao coração enquanto símbolo do afeto. No caso das cardiopatias já instaladas no corpo, podemos pensar na angina pectoris, onde as artérias já estão endurecidas e estreitadas, de forma que o coração não pode mais ser nutrido como necessita. Como remédio para situações assim, a medicina dá ao paciente cápsulas de nitroglicerina sublingual e desta forma a partir de explosões (emoção), o coração recupera força e segue cumprindo sua função. Quem tem um coração apertado é vítima de forças egóicas e de sua ansia de poder.

No caso de pressão alta, podemos entender como resultado de uma agressividade reprimida. Esta estagnação da energia agressiva se descarrega por meio de infartos, o coração parece despedaçar-se. Os antigos diziam que dar valor excessivo ao ego e prestigiar sem limite os próprios desejos de poder, nos separa do fluxo dos vivos. Só um coração rígido pode se quebrar.

Concluindo, em todas as épocas e culturas, o homem entende, percebe, simboliza seu coração e a relação deste com sua psique e com a natureza de modo específico. E o coração está associado a vários arquétipos, porém na cultura ocidental, principalmente ao da grande mãe.

Cada batimento cardíaco lembra a nossa fragilidade e sensibilidade e nos liga a padrões básicos da condição humana. Hoje, talvez devamos retonar a ligação com a grande mãe, com o mundo afetivo, com o amor, com o conhecimento direto, não intelectual.

Questionarmos se vivemos e amamos de todo nosso coração ou apenas participamos da vida pode ser um bom começo para recolocarmos o coração num lugar de quem tem o que falar e merece ser ouvido. Tenho escutado a voz do coração?

Explode coração de Gonzaguinha

...

Quero sentir a dor desta manhã
Nascendo, rompendo, rasgando
Tomando meu corpo e então

Eu chorando, sofrendo
Gostando, adorando, gritando
Feito louca alucinada e criança
Sentindo meu amor se derramando
Não dá mais pra segurar
Explode coração.

Bibliografia:

Jung, C.G. Tipos psicológicos

Denise Gimenez, Ramos, A psique do coração, uma leitura analítica de seu simbolismo, Ed. Cultrix.

James Hillman, A função sentimento- A tipologia de Jung, Ed. Cultrix.

James Hillman, O pensamento do coração e a alma do mundo, Ed. Verus.

Thorwald Dethlefsen e Rudiger Dahlke, A doença como caminho, Ed. Cultrix.

Músicas:

Vinicius de Moraes- Como dizia o poeta

Pixinguinha e João de Barros- Carinhoso

Caetano Veloso- Coração vagabundo

Marisa Monte- Alma e matéria

Gonzaguinha- Não dá mais pra segurar, explode coração

Milton Nascimento- Coração de estudante

Poemas:

Pablo Neruda

